Seres Assombrados dos Planaltos da Bahia

Clarissa Bittencourt de Pinho e Braga[1]
Luana Silva Cardoso Lima[2]
Robinson Moreira Tenório[3]

Resumo: Escondidos em Piatã, a 1280 metros de altitude em um planalto da Bahia, vivem o Mão Espinhosa, a Livusia, o menino da ponte e outros seres do além. Apesar de possuírem forte ligação com a história e a cultura local, começam a ser esquecidos pelas crianças do lugarejo, que se divertem muito mais com as histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo exibidas na televisão, ou com o folclore regional aprendido através dos livros didáticos. No entanto, é através da cultura que a educação se consolida como prática social, visto que é por meio dela que a sociedade terá atores sociais esclarecidos ou alienados em relação a si mesmos. Nessa relação de "fora para dentro", perde-se uma excelente oportunidade de atualização desses mitos que, como diversas histórias da literatura infantil, ensinam, criam regras de convivência social, divertem e preservam a memória e a cultura das localidades.

Palavras-chave: Mitos. Memória. Cultura local. Educação. Moral da história.

[1] Clarissa Bittencourt de Pinho e Braga. Jornalista, Doutora em Educação e Mestre em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Professora na graduação e na pós-graduação da UNIFACS.
[2] Luana Silva Cardoso Lima. Formanda em Relações Públicas (UNIFACS) luanalima.rp@gmail.com
[3] Robinson Moreira Tenório. Doutor em Educação (USP). Pós-doutorado em Filosofia e Historia das Ciências (Universidade de Paris 7). Professor adjunto da Faculdade de Educação, e coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação (UFBA).

Diversidade e cultura: mas afinal, que história é essa?

É inquestionável o papel exercido pelas histórias infantis na formação da criança, através da narração de contos folclóricos, lendas regionais, fábulas, histórias contemporâneas e clássicos da literatura, a exemplo da produção dos Irmãos Grimm, de Esopo ou de Charles Perrault. Através das histórias fantásticas, são transmitidasdas regras de convívio social, elementos para formação de caráter, situações que fazem refletir sobre atos e conseqüências, portanto, de conteúdo que pode ser traduzido a partir da famosa e "moral da história". O fim assegurado para quem segue os trâmites lúdicos e previsíveis destas narrativas fantásaticas é o compensador "final feliz".

Apesar da memória da humanidade já colecionar uma centena de contos e histórias conhecidas mundialmente, não significa que a moral dessas histórias seja atemporal. Um exemplo disso têm sido as atualizações dos contos infantis, através da indústria do cinema: para destacar o papel da mulher nos contos infantis, por exemplo, o estúdio Walt Disney criou o desenho "Peter Pan 2 – de volta à Terra do Nunca", tendo como heroína uma espécie de "menina perdida". Da mesma forma, Cinderela já teve a sua continuação, estendendo o seu final feliz à irmã feia e desvinculando, dessa forma, beleza de bondade.

Até então, estes desenhos e contos remetiam à uma concepção de herói e vilão com características que não se enquadravam no padrão local: a princesinha era loira e boazinha, a bruxa, feia e má; os heróis fortes e bonitos. Ou seja: associava-se beleza à bondade, feiúra a maldade. Sobre este aspecto, Giroux (1998) observa que, "a Disney não mais se contenta em fornecer as fantasias através das quais a inocência e a aventura infantis são produzidas, vivenciadas e afirmadas. A Disney fornece agora modelos e protótipos para as famílias, escolas e comunidades". (p.55). Em locais onde dificilmente se identificavam estereótipos de pele clara e cabelos louros, os contos-de-fada – assim como os programas globais – introduziam – e ainda introduzem - o desejo de ser igual à princesinha ou ao herói causando uma insatisfação com a própria estética e, conseqüentemente, a negação das formas de reverberação do padrão estético local.

Garner (1996) contribui para a discussão com uma coletânea de 16 (re) contos distribuídos em dois livros: *Contos de Fada Poli-*

ticamente Corretos e *Mais contos de fadas politicamente corretos*. O autor faz uma crítica divertida aos clássicos, mostrando como eles se encontram descontextualizados, em diversos aspectos, do mundo contemporâneo. Assim, utilizando um discurso politicamente correto, Branca de Neve passa a se chamar "A Cáucaso européia e seus sete amigos verticalmente desfavorecidos"; A Pequena Sereia vira "a pequena pessoa aquática do sexo feminino" e A Bela Adormecida torna-se "A pessoa mais atraente do que a média adormecida". No início do (re) conto João e Maria, já se percebe a veia crítica de Garner:

> No meio de uma região arborizada e biologicamente preservada, havia um pequeno e humilde chalé, onde morava uma pequena e humilde família. O pai, que para sobreviver num mundo neoliberalista selvagem viu-se obrigado pelas forças do sistema a desempenhar a função de açougueiro de árvores, fazia o melhor que podia para criar seus dois filhos impúberes chamados João e Maria (1996 p. 15).

Embora esses aspectos ligados à questão da temporalidade dos contos de fada estejam sendo trabalhados de maneira ainda tímida, outros, relacionados à territorialidade avançam de maneira significativa. A preocupação com a memória indígena e afro descendente e a obrigatoriedade dessa abordagem histórica no currículo escolar gera uma série de livros paradidáticos referentes a esses conteúdos específicos. No entanto, a tentativa de se preservar a memória de uma cultura nacional acaba por interferir e ofuscar na preservação das culturas locais. É precisamente a um exemplo deste que se refere o presente artigo. Em meio á uma Bahia conhecida pelo clima ensolarado de cidades praieiras, ou por regiões sertanejas que ressecam a altas temperaturas, está o município de Piatã, de clima frio e paisagem mais próxima de regiões sulistas. E essas características – conforme foi percebido em uma pesquisa realizada entre 2005 e 2006 – interferem diretamente no imaginário local.

Sobre educação, cultura, televisão e livros didáticos

No mundo contemporâneo, a perspectiva para a educação é a incorporação da multiplicidade de discursos, respeitando-se a diversidade dos grupos sociais. Haravey (2006) evidencia que já não

é possível se falar em uma única história; a lógica hoje em dia, se apresenta muito mais fragmentária, descontínua e caótica (2006; 49). No entanto, a apropriação das narrativas feitas pelo livro didático acaba as transformando em um discurso linear e monocórdico.

Neste aspectos, a construção da história não deveria ser feita apenas através da palavra daqueles que constroem a "história oficial" ou do relato de apenas um fato, mas pelo relato de uma infinidade de sujeitos, que interpretam de maneira diferente o mesmo fato ou fatos distintos. É a passagem "da majestade amortecida das grandes narrativas à autonomia fragmentadora das micronarrativas" (CONNOR, 1993; 33). No entanto, não é isso que acontece: o mundo globalizado transforma ações locais em práticas idênticas regionais e as crianças deixam de conhecer a sua verdadeira história.

Além dos livros didáticos, a televisão é outro veículo unificador da cultura nacional e global. Neste contexto, ressalta-se que um programa com grande audiência é a antítese da diversidade. Sob a perspectiva da televisão aberta, observa-se que as representações sociais tendem a ser produzidas nos eixos comerciais, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo, refletindo estereótipos regionais nas grades de programação. Este modo de produção elege padrões de beleza, fórmulas de sucesso profissional, modelos de competência que podem se distanciar das necessidades cotidianas, a depender do local em que o programa esteja sendo veiculado, dada a diversidade territorial brasileira.

Nesse contexto, ressalta-se a importância da preservação da memória local através da oralidade e dos contadores de história. Ao invés de uma interpretação histórica feita por especialistas, que lançam sobre o contexto um olhar "de fora para dentro", os contadores de história "sentem" e vivenciam a memória de cada lugar, preservando a importância e o significado para os habitantes locais participantes de cada fato histórico.

A educação tornou-se múltipla e o conceito dela se amplia. Segundo Gohn (2001, p. 16) ele está ligado diretamente a outro conceito, o de cultura. Uma vez que a educação está ligada à cultura, é preciso contextualizar a cultura de um dado local e o momento cultural para que a educação seja aplicada de forma eficiente na sociedade. É claro que fatores econômicos, sociais e políticos também possuem interferência direta, principalmente na aplicação da educação e com relação aos atores sociais que participaram dela.

Mas, é através da cultura política que a educação se consolida como prática social, visto que é por meio dela que a sociedade terá atores sociais esclarecidos ou alienados em relação a uma determinada cultura.

> Portanto, falar de cultura política é tratar do comportamento de indivíduos nas ações coletivas, os conhecimentos que os indivíduos têm a respeito de si próprios e de seu contexto, os símbolos e a linguagem utilizadas, bem como as principais correntes de pensamento existentes (GOHN, 2001, p. 59).

No caso de Piatã, observa-se a conexão entre as histórias fantásticas e a história local. Portanto, entender e reverberar essas histórias torna-se importante para que os piatanenses conheçam a si próprio e entendam a sua identidade como cidadãos que possuem uma cultura local e uma representação inequívoca na cultura nacional.

Histórias de Piatã

> Mitos, contos de fadas, lendas, provado está, não são historinhas fantasiosas. Estudos determinaram-lhes a íntima conexão com o psiquismo humano. São a expressão de realidades fundas da psique, sua fantasias, necessidades diversas e difusas emoções (TÁVOLA, 1985, p. 11).

A pesquisa em Piatã foi realizada em três escolas e tinha o objetivo de analisar se havia elementos da cultura local – mais precisamente, as histórias catalogadas através de entrevistas com contadores de histórias - presentes no currículo escolar. Na cidade, existem três instituições de ensino da educação básica: "Escola Vida criativa", "Escola do Padre" e "Escola Adelaide de Carvalho". As duas primeiras são escolas públicas e a terceira é a única particular do município. Embora as três escolas demonstrem preocupação com o incentivo ao hábito de leitura – percebida através de atividades como reconto e roda de leitura exercida pelas três – as histórias de Piatã são esquecidas, enquanto privilegiam-se elementos do folclore nacional como o Boitatá e o Saci Pererê.

Não é difícil imaginar a ligação que o boitatá – uma cobra de fogo que incendeia as matas – tem com o clima árido do sertão. Da mesma forma, o surgimento do saci pererê em um rodamoinho re-

mete a um local seco, de solo arenoso, onde lufadas de ventos quentes carregam folhas e vegetação seca. Mas que relação eles guardam com um município baiano de clima frio?

Conforme foi catalogado na pesquisa, as histórias da Bahia fria são outras: contos de assombração, inspirados no vento frio que percorre a espinha dos moradores em noites de lua cheia ou em meio à neblina da madrugada. Assim, podemos encontrar nesta região do planalto: a Livusia, o Mão-Espinhosa, o menino da Ponte, o Pilão da Madrugada, entre outros.

De acordo com Held, o imaginário corresponde a uma ponte entre o real e um outro lugar singular: o fantástico. Lugar esse em que as brincadeiras, desejos, aspirações e fantasias dominam o caminho. Essa paisagem fantástica é construída a partir dos elementos geográficos e culturais de Piatã. "O fantástico, dir-se-à, reúne na criança toda uma visão animista do mundo" (HELD, 1977, 44). É neste contexto que uma folha de cansanção ou urtiga ganham vida e força, como na história do "Mão-Espinhosa".

Contam os antigos que há 13 anos, em um lugar afastado da cidade, numa rua, as crianças tinham o costume de brincar de esconde-esconde. Um dia, uma das crianças desapareceu. As outras crianças ficaram desesperadas com o sumiço da colega. Não era possível que tivesse simplesmente desaparecido em um lugar que todos conheciam e não se encontrasse em lugar algum. Depois de muito procurar, encontraram a menina de cabeça baixa chorando. Os colegas, então, se aproximaram para consolar a menina, mas deram um salto para trás quando ela levantou o rosto: a sua bochecha estava vermelha, toda perfurada por espinhos.

Ela estava tão assustada que não conseguia falar. Após um tempo e mais calma, a menina relatou que um homem mascarado se aproximara e batera em seu rosto com muita força. Ao sentir a dor da pancada, ela olhou para as mãos do desconhecido e percebeu que ele usava uma luva cheia de espinhos. Do mesmo jeito que aparecera, o misterioso homem sumiu entre a vegetação sem deixar vestígios. Depois desse dia, nunca mais as crianças voltaram à tenebrosa rua; outras mulheres até assumiram ter presenciado o encontro com o tal homem mascarado.

Uma outra história contada pelos moradores mais antigos da região é a "Mulher de Branco". As noites de Piatã sempre foram tranqüilas. Certo dia, essa serenidade deu lugar ao espanto. Uma mu-

lher, vestida de branco, começou a rondar a cidade, acompanhada de um homem peludo. A partir desse dia, ninguém mais tinha coragem de sair à rua no período noturno. Todos achavam que a mulher era uma assombração.

Cansado dessa privação, um senhor decidiu desvendar o mistério: quando o relógio marcou às 22 horas, o homem saiu pelas ruas à procura do casal. Tomou cachaça – para ganhar coragem e enganar o frio - e mesmo sabendo que assombração não morre, só por precaução, levou uma espingarda carregada de chumbo.

O encontro do senhor com a Mulher de Branco e o Homem Peludo aconteceu na frente da igreja – precavido, o senhor que investigava resolveu ficar próximo ao lugar mais apropriado a uma intervenção divina, caso a situação começasse a apertar e a história ameaçasse terminar muito mal para ele. O senhor interpelou o casal com a espingarda recheada de intenções de se fazer respeitar e os obrigou a tirar o disfarce. A mulher ainda exitou em cumprir a ordem, mas o Homem Peludo obedeceu prontamente às instruções e convenceu a mulher a fazer o mesmo.

Desvendado o mistério, na manhã do dia seguinte todos já sabiam do ocorrido. O Homem Peludo era casado e a Mulher de Branco a sua amante. O homem permanece na cidade até hoje e a mulher se mudou para São Paulo.

Um outro conto da cidade é a **"**Livusia**"** - o vento nasce em uma gruta, e sobe por uma depressão, conhecida localmente como "buracão" - lugar que antigamente tinha muito ouro. Após diversas escavações, surgiu um cheiro estranho de enxofre. Os moradores, com medo que o ouro acabasse, resolveram construir uma igreja usando boa parte deste ouro: a igreja Senhor Bom Jesus, localizada na Serra.

A abundância despertou o interesse dos alemães e dos portugueses. Eles entraram na mina de ouro, mas nesse mesmo tempo a boca da gruta fechou-se. Os turistas ficaram presos e morreram por falta de comida e água. As pessoas diziam ouvir os seus gritos e apelos por socorro, porém era impossível escavar a gruta.

Hoje, quando a lua é nova ou minguante, surge um vento frio cheio de força e ruídos, que às vezes até parece que vai derrubar as casas. Esse frio, segundo os contadores de histórias, foi corporificado em uma assombração – a Livusia. O assobio é a sua fala e o seu poder faz com que todos fiquem paralisados com a sua

passagem.

Outra história de arrepiar é a do "Pilão da Madrugada". Por volta de meia-noite os habitantes da cidade ouviam um barulho assombroso, um estrondo rítmico que parecia aproximar-se e distanciar-se das casas da região. Por conta disso, as pessoas tinham bastante medo de sair nas ruas depois das dez horas da noite. Só depois de muito tempo que os moradores foram descobrir que o som assustador era proveniente do ato de pilar o café, produzidos por um homem e uma mulher que, ao terminarem o seu trabalho na roça, iam produzir o café até tarde da noite. Em Piatã o cultivo do café é uma atividade muito comum; inclusive no ano de 2006 a cidade, com o seu café pilado pelas mãos dos moradores e produzidos da forma mais natural possível, ganhou o título de terceiro melhor café do Brasil.

Ainda há "O Menino da Ponte". Certa vez, um turista cruzava a ponte de Piatã, quando de repente viu um menino parado. O turista parou o seu carro para oferecer carona ao menino, perguntando para onde ele ia. Coincidentemente, eles iam para o mesmo lugar. Durante a viagem, os dois conversavam sobre o lugar e a beleza da paisagem local. O homem virou o rosto rapidamente na direção de uma cachoeira, para o qual o menino apontava. Ao voltar as vistas para o menino, ele tinha desaparecido. O turista, ainda sem acreditar, parou o carro para procurar o sumido; olhou para trás e nada do menino aparecer. Ao chegar à cidade, ainda intrigado e assustado, relatou o ocorrido a um grupo de caminhoneiros que se encontravam reunidos em torno da mesa de uma venda. Os caminhoneiros confirmaram já terem ouvido ou vivenciado a mesma história. "Ao passar o trecho da ponte, misteriosamente o menino desaparece", relatou um dos caminhoneiros. Segundo os moradores, naquele mesmo lugar, há um tempo atrás, um menino teve um acidente trágico e faleceu nessa mesma ponte. Até os que conhecem a história morrem de medo ao passar pela estrada. Essa história, até hoje, possui partes ocultas. A neblina da estrada contribui para a visão de uma assombração em determinado lugar da estrada.

Essas são algumas histórias de Piatã que mostram a relação entre território e imaginário. São essas histórias – que simbolizam muito mais o povo de Piatã do que as lendas do folclore brasileiro – que sofrem a ameaça do tempo e do esquecimento.

Mitos ou lendas?

De acordo com Coelho (2003) as lendas são narrativas supostamente históricas perpetuadas pela tradição oral. A transmissão através da oralidade faz com que as narrativas sejam enriquecidas pelo contador, de modo que, com o tempo, ganha ares fantásticos e se modificam conforme a região em que são narradas. A autora explica também que, nas lendas, o real e o imaginário se mesclam de tal forma que é impossível separá-los.

Neste contexto, as histórias de Piatã podem ser consideradas lendas, principalmente no que se refere ao enredo da Livusia, da Mulher de Branco e do Pilão da Madrugada, cujos feitos reais se misturaram ao universo fantástico contribuindo, desta forma, para a perpetuação da memória histórica e da cultura de Piatã. Por outro lado, o termo "Mito" é utilizado para se referir às crenças comuns, sendo que o seu relato através de narrativa apresenta teor simbólico e explicativo. De acordo com Távola,

> Mito é a forma comunicativa de conservar e de significar um valor através de um símbolo ou meta-símbolo, que expressa, amplia, antecipa, fixa, esclarece, oculta ou exalta o valor significado. É, portanto, e representa, uma verdade profunda da mente (1985, 11).

Távola descreve as idéias jungianas, ao dizer que a interpretação de mito está relacionada ao seu conceito de inconsciente coletivo, a camada mais profunda da mente humana. Estudos, segundo o autor, demonstraram que mesmo em culturas diferentes em países diferentes manifestaram mitos semelhantes.

A interação do inconsciente coletivo com a consciência, através dos símbolos, concebe, de forma criativa, através de uma mistura entre as experiências, tradições e desejos, o mito. Assim, o mito se interioriza, ganhando um espaço na história e cultura da sociedade e do indivíduo.

> "O mito é produto do inconsciente. Neste lugar se origina, neste lugar se processa. Nele, também se realiza. Ainda mais, é do inconsciente uma forma de expressão" (ROCHA; 1991, 40).

Desta forma, as histórias de Piatã também podem ser consideradas histórias mitológicas, pois refletem o inconsciente coletivo através

de símbolos que remetem à regras e valores locais. Neste sentido, a reprovação ao comportamento da Mulher de Branco e do Homem Peludo remete a mitos mais antigos, como o de Erus e Psique. No entanto, para a comunidade local, eles se concretizam através dos arquétipos dessas personagens.

> Os arquétipos são ainda mais do que a matriz que forma os símbolos para estruturar a consciência. Eles são também a fonte que os realimenta. Por isso, os mitos, além de gerarem padrões de comportamento humano, para vivermos criativamente, permanecem através da história como marcos referenciais através dos quais a consciência pode voltar às suas raízes para se revigorar (BRANDÃO, 1997, 10).

Outra história que pode ser considerada mito é a do mão-espinhosa, cujo comportamento evoca a necessidade da obediência às regras. Essa história pode ser comparada tanto ao mito de Prometeu quanto ao de Pandora – ambos sofreram castigo por desobedecerem a divindades. No caso específico do mito de Piatã, guarda uma regra social bem evidente – as crianças precisam obedecer aos seus pais e não devem se afastar dos lugares seguros do município.

Moral da história

Gláucia de Mello declara que o caráter social do homem se distingue nos ambientes, comunidade e sociedade. As comunidades têm uma característica mais natural, o seu estilo de vida reúne atitudes puras, oriundas do ser humano: a solidariedade, o respeito, a igualdade, dentre outras. Piatã, apesar de ser um município cujas características começam a denotar os elementos da cidade grande - ainda se comporta como comunidade.

Nesse contexto boa parte das suas regras de convívio social são passadas através da oralidade: das histórias locais, dos mitos, dos causos, que indicam o comportamento correto e esperado em cada situação. Conforme já foi abordado neste artigo, “Mitos, contos de fadas, lendas, provado está, não são historinhas fantasiosas” (TÁVOLA, 1985, p. 11). Eles estão carregados de significados tornando-se importantes, portanto, entender as suas origens e o contexto no qual circulam. O seu conteúdo aparece sob as formas mais exageradas e lúdicas possíveis, mas “é o que existe de mais verdadeiro na mente do homem” (TÁVOLA, 1985, p. 17).

As histórias relatadas neste artigo são típicas de uma Bahia fria e estão repletas de elementos que caracterizam o local - apropriados e transformados, simbolicamente, pela imaginação dos moradores da região. No entanto, os costumes e lendas singulares, de Piatã, correm o risco de cair no esquecimento, pois a televisão e os livros didáticos tradicionais influenciam cada vez mais a nova geração, que incorpora ao legado cultural as lendas e folclores propagados como legítimos representantes da cultura nordestina. Assim, o mundo globalizado transforma ações locais em práticas idênticas regionais e as crianças deixam de conhecer a sua verdadeira história.

Isto é bastante prejudicial no que tange à manutenção da diversidade, visto que as histórias de Piatã estão fortemente atreladas ao imaginário local, que por sua vez, recebe interferência direta do território onde o município se encontra. Esquecer estas histórias e privilegiar as narrativas que vêm de fora é esvaziar o significado do papel exercido pelas histórias infantis na formação da criança. A história de Piatã, as suas crenças e os seus valores se encontram representados nos mitos narrados. Por outro lado, não há como identificar a comunidade com as personagens folclóricas da Bahia de clima "quente", portanto, torna-se mais difícil introjetar os valores e regras que permeiam tais histórias.

Abstract: *Hidden in Piatã, 1280 m. above sea level in Bahia inland, Mão Espinhosa, Livusia, the boy from the bridge and other beings from the beyond find their home. In spite of the fact that these imaginary beings have a strong connection with local culture and history, they are in the process of being forgotten by the local children, who prefer to watch the stories from Sítio do Pica-pau Amarelo on TV, or read about the folklore from other Brazilian regions in didactic books. However, it is through culture that education is consolidated as a social practice, once it is through education that society may become aware of itself or, alternatively, come to be alienated from itself. The adoption of values from the outside of a given community makes for the loss of an excellent opportunity for the valuation of local myths which, like so many other stories from children's literature, entertain children, teach them, provide them social rules and, at the same time, preserve local memory and culture.*

Keywords: *Myth. Memory. Local culture. Education. Story moral.*

Referências

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.

CONNOR, S. *Cultura pós-moderna - Introdução às teorias do contemporâneo*. 2ª Edição. São Paulo:Ed. Loyola, 1993.

GARNER. James Finn. *Mais contos de fadas politicamente corretos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

GIROUX, H. A Disneyzação da cultura infantil In SILVA, T. & MOREIRA, A. *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política – Impactos sobre o Associativismo do Terceiro Setor*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HARVEY, D. *Condição Pós-moderna.* São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

MARCONDES, D. A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade. In: BRANDÃO, Zaia. *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo:Ed. Cortez, 1994.

MELLO, G. B. R. Imaginário e prática do viver em comunidade: o desafio de juntar uma utopia a uma realidade: DA SILVA, Antônio de Pádua Dias. *Imaginários da Cultura*. São Paulo: Eduep, 2005.

ROCHA, Everardo P. Guimaraes. *O que é mito*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TÁVOLA, A. *Comunicação é Mito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.